



Chrys Chrystello*

O que é a Lusofonia - Parte 9 (II)

20 anos de colóquios de 2002 - 2022

Montalegre 2016, regresso a Trás-os-Montes, crónica 161

Depois do sucesso em Bragança (2002-10), surgiu a oportunidade de regressar a terras transmontanas com patrocínio da Câmara de Montalegre e EcoMuseu do Barroso. Temerosos pelo frio do mês transato e o forte nevão uma semana antes, arribamos às faldas do Larouco, e cedo nos apercibemos do calor das gentes, hospitalidade, bonomia, simplicidade, e inexcedível acolhimento que nos acompanhou ao longo de seis extenuantes dias com 80 participantes.

A história recente de Montalegre é igual à de tantas, forte emigração, depauperação económica e abandono das atividades económicas tradicionais. Quando vim da Austrália, anos 90, retornei a estas terras. Portugal profundo chamavam-lhe os governantes, sinónimo de esquecido. O maciço despovoamento, emigração, migração para o litoral e limites da longevidade impossibilitaram a reconstrução de memórias. Depois virão os sociólogos falar do problema da solidão na terceira-idade, os geógrafos políticos lamentarão a desertificação humana do interior profundo, os políticos explicarão as alterações inócuas às leis, as instituições de solidariedade social lamentarão a crise e a falta de apoios para ajuda solidária aos idosos, a GNR e PSP deplorarão a falta de meios para a política de proximidade, e os filhos e netos continuarão a colocar em asilos e hospitais os idosos para não cuidarem deles.

Tudo é diferente da infância. Vivemos a escravatura que nem Aldous Huxley imaginou no “Admirável Mundo Novo” e os temores de “1984” de George Orwell converteram-se numa prisão sem grades onde prevalece o medo que enche o quotidiano de jornais e televisões. Enquanto puder, isolar-me-ei no onírico, na poesia e na utopia, em vez de buscar drogas de felicidade falsa ou um novo empréstimo bancário. Cresci na época conturbada do pós-guerra, na reconstrução da Europa. Havia a espada de Dâmocles da guerra colonial que ceifaria o futuro que tinha delineado. Nas décadas de 1960-70 éramos jovens, esperançados e sonhadores. Durante anos vivi a ilusão do 25 de abril e no outono da vida, desiludime com as promessas incumpridas de abril, a desigualdade ímpar entre ricos e outros. Não sobejam sonhos para as gerações futuras, e antecipo previsões orwellianas numa realidade que há muito excede a ficção.

Tivemos um magnífico recital da Escola de Música Tradicional do Larouco (gaita-de-foles e precursão). Na segunda manhã, roteiro intenso

por Vilar de Perdizes em cuja igreja (de excecional acústica) houve recital de Ana Paula Andrade e Carolina Constância. Visita à Sra das Neves, Paço e aldeia com o esclarecido guia, Padre Fontes. Depois Pitões das Júnias, Mosteiro, forno do povo e EcoMuseu sendo agraciados com um beberete, com os famosos enchidos.

Após o jantar a sessão especial dedicada ao 25 de abril com três poemas musicados contra as ditaduras, visual e musicalmente fortes, emocionaram (Geraldo Vandré “Para não dizerem que não falei de flores,” Georges Moustaki “Avril au Portugal” e Chico Buarque “Fado Tropical”).

A seguir os “Terra Morena ((Xico Paradelo; Bernardo Marques; Heitor Real),” grupo galego que toca José Afonso, durante uma hora recriou temas do cantante da liberdade para a enorme assistência de mais do que os 320 lugares sentados do auditório. Momentos mágicos e emotivos. Seguiu-se a homenagem do município ao 25 de abril, pela família Pedreira, que recriou cenas do “antigamente”, com a PIDE, censura e cantos da resistência. O espetáculo excecionalmente bem delineado por amadores, culminou com “Grândola Vila Morena” cantado de pé. O momento foi emotivo para os brasileiros que sofreram a ditadura (1964-85) hoje ameaçados por outra e para os galegos que celebraram o 25 de abril por que anseiam, e a luta pela língua estropiada em castrapo pelo castelhano. Para o Brasil e a Galiza a solidariedade. Depoimentos:

Chrys Chrystello | Presidente da Direção da AICL - «Nesta edição, os participantes não querem ir embora. Voltaremos a Montalegre o mais breve possível. Fomos surpreendidos pela positiva e em todos os aspetos. Pela hospitalidade, pelas caras bonitas e sorridentes que vimos nas ruas e locais onde estivemos, pela gentileza das pessoas que estiveram connosco. Sentimo-nos em casa. Sinto que este lugar pode ser a minha casa permanente. Foi um sucesso!».

Malaca Casteleiro | Academia das Ciências de Lisboa - «Foi um sucesso, dos melhores Colóquios que já tivemos, com uma receção magnífica. A sessão comemorativa do 25 de abril foi excecional. Fiquei encantado com esta terra, do ponto de vista cultural, paisagístico, arquitetónico, com um castelo magnífico. Foi um prazer estarmos aqui».

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713

Governo vai participar com 50% na obra de requalificação frente mar da Horta

O Governo Regional dos Açores vai participar financeiramente a nova fase da obra de requalificação urbana da frente mar da cidade da Horta, na sequência de um contrato ARAAL assinado entre o Executivo e o Município da Horta.

A empreitada, cujo dono de obra é a Câmara Municipal da Horta, terá um investimento global superior a três milhões de euros, garantindo uma participação financeira da Secretaria Regional do Turismo, Mobilidade e Infraestruturas de 958.273,92 euros, correspondentes a 50% do investimento não cofinanciado.

Berta Cabral, Secretária Regional da tutela, realça “o espírito de cooperação entre a administração regional e as autarquias locais que fundamenta este tipo de contrato”.

“Esta proximidade é fundamental para se implementarem projetos e ini-



ciativas vitais para o desenvolvimento regional e responder a necessidades concretas das populações”, acrescenta.

Na obra em causa, que surge no âmbito da empreitada de requalificação

urbana da cidade da Horta – unidade de intervenção do troço central, está incluída a requalificação da via e da zona de circulação pedonal da Avenida 25 de abril para adequação e melhoria das condições de mobilidade suave e

multimodal sustentáveis de circulação na via, do estado dos passeios, e da eficiência energética da iluminação pública, prevendo-se, ainda, a instalação de equipamentos e mobiliário urbanos.

A área de intervenção contempla 17.360 m², compreendendo a envolvente ao Forte de Santa Cruz; Praça Central; Avenida 25 de Abril; Entroncamento com o Canto D. Joana; e Entroncamento com o Largo Duque D’Ávila e Bolama.

“Futuramente existirá ainda outra intervenção na frente de mar da cidade da Horta, independente desta e relativa ao edifício de enraizamento da marina norte, que será da responsabilidade do Governo dos Açores, através da Portos dos Açores, e que estabelecerá sinergias importantes com a obra atual”, concretiza Berta Cabral.